

Mieko Kawakami

# PEITOS E OVOS



Mieko Kawakami

# PEITOS E OVOS

Tradução de Eunice Suenaga



Copyright © 2019 by Mieko Kawakami

Título original: *Natsumonogatari*

Publicado em japonês por: Bungeishunju Ltd.

PREPARAÇÃO

Mariana Gonçalves

Fábio Fujita

REVISÃO

Júlia Ribeiro

Juliana Brandt

Theo Araújo

CAPA

Elisa von Randow

IMAGEM DE CAPA

Ana Matsusaki

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K32p

Kawakami, Mieko, 1976-

Peitos e ovos / Mieko Kawakami ; tradução Eunice Suenaga. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.

480 p. ; 21 cm.

Tradução de: Natsumonogatari

ISBN 978-65-5560-831-1

1. Romance japonês. I. Suenaga, Eunice. II. Título.

23-82207

CDD: 895.63

CDU: 82-31(52)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

PARTE I:  
VERÃO DE 2008

**S**e você quisesse saber o quanto uma pessoa já foi pobre, poderia perguntar o número de janelas que tinha na casa onde ela morava quando criança. O que comia e o tipo de roupa que usava não dizem muita coisa. Se você quisesse saber o nível de pobreza de uma pessoa, bastava saber o número de janelas. Sim, pobreza equivalia ao número de janelas. Se não havia janelas, ou se eram poucas, geralmente poderemos inferir quão pobre ela era.

Certa vez, quando falei isso para uma moça, ela discordou, alegando vários motivos: “Vamos supor que a casa só tenha uma janela”, disse ela, “mas que seja uma janela enorme, de frente para um jardim ou algo assim. Uma casa com uma enorme e magnífica janela não tem nada a ver com pobreza, não é?”.

Para mim, no entanto, esse tipo de pensamento era de alguém que não tinha ideia do que era pobreza. Janela voltada para um jardim. Uma enorme janela. Para começar, o que é um jardim? O que seria uma janela magnífica?

Para aqueles que habitavam o mundo da pobreza, não existia o conceito de janela enorme ou magnífica. Para eles, janela era aquilo que supunham haver atrás do armário ou da estante enfiada num espaço apertado, aquela placa de vidro escurecida que nunca tinham visto aberta. Aquela moldura quadrada e suja que ficava ao lado do exaustor de parede que também nunca tinham visto funcionar, com espessas camadas de gordura solidificada nas hélices.

Por isso, só quem poderia falar sobre pobreza, só quem conseguiria falar de fato sobre pobreza era quem a conhecia. Alguém

que era pobre ou que já foi um dia. Eu pertencia aos dois grupos. Era pobre desde que havia nascido, e continuava sendo pobre.

Eu me lembrei disso e pensei nessas coisas, distraída, e talvez por causa da menina que estava sentada bem à minha frente. Era época de férias de verão, mas a linha Yamanote não estava tão lotada quanto imaginei, e as pessoas estavam confortavelmente sentadas em seus lugares mexendo no celular ou lendo um livro.

A menina, que eu acreditaria se alguém me dissesse que tinha oito ou dez anos, estava sentada entre um rapaz que havia deixado a bolsa esportiva no chão e duas moças que usavam tiaras com grandes laços pretos na cabeça. A menina parecia estar sozinha.

Ela tinha a pele mais escura e era bem magra. As manchas redondas e descoloridas de pitiríase alba se destacavam mais em sua pele bronzeada pelo sol. As pernas que despontavam da saia-calça cinza eram quase tão finas quanto os braços, visíveis pela regata azul-celeste. Olhando-a com a boca contraída e os ombros encolhidos, com ar de tensão, me lembrei da minha infância, e a palavra “pobreza” me veio à mente.

Eu observava a regata azul-celeste com a gola esgarçada e os tênis que deviam ter sido brancos um dia, mas que não dava para ter certeza porque estavam encardidos. E se ela de repente abrisse a boca, mostrando os dentes, e todos estivessem podres, o que eu deveria fazer? Pensando bem, ela não estava carregando nada. Nem mochila, nem bolsa, nem pochete. Será que o dinheiro e o bilhete estavam no seu bolso? Não sabia o que uma menina naquela idade costumava levar consigo quando saía de casa e pegava o trem, mas o fato de ela não carregar nada me deixava um pouco preocupada.

Enquanto eu a olhava, comecei a achar que devia me levantar, ir até ela e puxar papo sobre qualquer assunto. Sentia que devia trocar algumas palavras com ela, como quem escreve algo no canto do caderno sabendo que ninguém mais vai conseguir decifrar. O que devia lhe dizer? Acredito que poderia falar sobre

seu cabelo visivelmente espesso. *Seu cabelo não esvoaça nem com o vento, não é? Não se preocupe com a mancha de pitíriase alba, pois quando você ficar adulta vai desaparecer.* Ou será que devo falar de janelas? *Na minha casa, nenhuma janela tinha vista para fora. Na sua casa tem janelas?*

Olhei o relógio: meio-dia em ponto. O trem avançava como se atravessasse o calor no auge da languidez do verão, e uma voz abafada anunciou que a próxima estação era Kanda. Quando chegamos à estação, as portas se abriram, emitindo um som que lembrava o de escape de ar, e um velho já completamente embriagado àquela hora do dia entrou tropeçando. Alguns passageiros desviavam dele por reflexo, e ele emitiu um gemido baixo. Sua barba cinza, tal qual uma esponja de aço desemaranhada, pendia entrelaçada até a altura do peito do seu macacão gasto. Ele segurava um saco plástico amassado de uma loja de conveniência em uma das mãos e, quando tentou segurar a alça de apoio com a outra, cambaleou e se desequilibrou. As portas se fecharam e o trem começou a se mover. Quando olhei para a frente, a menina já havia desaparecido.

Passei pela catraca, saí da estação de Tóquio e diminuí o passo sem querer ao me deparar com a inacreditável multidão. De onde vinham aquelas pessoas e para onde iam? Mais do que uma simples multidão, parecia uma competição estranha. Você é a única pessoa que não conhece as regras — sentia como se falassem isso para mim, e fiquei preocupada. Segurei com firmeza a alça da bolsa e soltei um suspiro profundo.

Há dez anos, cheguei pela primeira vez à estação de Tóquio. Foi no verão logo depois do meu aniversário de vinte anos, num dia quente como o de hoje, em que eu suava sem parar por mais que tentasse me enxugar.

Carregava nas costas uma mochila ridiculamente grande e resistente que tinha comprado num brechó quando estava no ensino médio, depois de levar um tempão para escolher (ainda

hoje ela era a minha favorita). Nela eu levava cerca de dez livros dos meus autores favoritos, dos quais não queria me separar nem por um segundo — talvez fossem como amuletos para mim —, mas agora, pensando bem, poderia tê-los mandado junto com minha mudança.

Já se passaram dez anos desde então. Estávamos em 2008. Eu tinha trinta anos; esse seria o futuro que imaginei vagamente para mim quando tinha vinte? Bem, óbvio que não. Ainda hoje quase ninguém lia o que eu escrevia (o *blog* que eu mantinha em um recanto da internet, que quase ninguém conseguia chegar e no qual publicava meus textos de vez em quando, no máximo tinha meia dúzia de acessos por dia) e, para começar, nada do que escrevi foi lançado. Quase não tinha amigos. A inclinação do telhado do apartamento, a parede com a tinta descascada, o sol da tarde intenso demais, a vida que levava fazendo bicos que me rendiam pouco mais de cem mil ienes por mês, mesmo trabalhando quase em período integral, e a sensação de que, por mais que escrevesse, não sabia para onde isso iria me levar — nada disso tinha mudado. Na minha vida, assim como uma prateleira de uma velha livraria onde estavam encalhados os mesmos livros desde a época dos donos anteriores — os pais dos proprietários atuais —, a única coisa que tinha mudado era meu corpo, que havia definhado exatamente o equivalente aos dez anos passados.

Ao consultar o relógio de novo, já era meio-dia e quinze. Acabei chegando quinze minutos antes do horário combinado e, encostada na coluna de pedra gelada, observei o movimento das pessoas. Uma família enorme que carregava muita bagagem corria da direita para a esquerda fazendo muito alvoroço em meio à agitação de vozes e sons. Uma mãe passava segurando firmemente a mão do filho, e na altura das nádegas do menino balançava uma garrafa grande demais para ele. Um bebê chorava e gritava em algum lugar, e um casal jovem — tanto o homem quanto a mulher maquiados — atravessava o espaço a passos rápidos, mostrando os grandes dentes.



Tirei o celular da bolsa e verifiquei que não havia nenhuma mensagem nem chamada perdida de Makiko. Sendo assim, ela e sua filha tinham pegado o trem-bala no horário previsto em Osaka e deveriam chegar à estação de Tóquio em cinco minutos. O ponto de encontro era ali, bem na frente da saída norte de Marunouchi. Tinha enviado um mapa e explicado como era o lugar, mas de repente estava preocupada, então verifiquei a data. 20 de agosto. Sim, era hoje. Combinamos de nos encontrar hoje, 20 de agosto, ao meio-dia e meio, na saída norte de Marunouchi da estação de Tóquio.

○ Por que na palavra óvulo, *ranshi* (卵子), o segundo ideograma é o de criança, 子? É porque na palavra espermatozoide, *seishi* (精子), o segundo é o de criança, 子. É só para combinar. Essa foi a minha maior descoberta de hoje. Fui algumas vezes à biblioteca da escola, mas os procedimentos para pegar um livro emprestado são complicados, a variedade de livros é pequena, a sala é apertada e escura, e os outros alunos podem espiar o que estou lendo, por isso tenho que esconder os livros rápido. Ultimamente tenho ido a uma biblioteca maior. Lá posso usar o computador. A escola me deixa esgotada. Que estupidez. Várias coisas. É estupidez eu escrever que é estupidez. A escola vai acabar um dia, mesmo eu não fazendo nada, mas as coisas de casa, não. Por isso não posso falar sobre essas duas coisas, o que me deixa esgotada e é uma estupidez. Com caneta e papel posso escrever em qualquer lugar, de graça, e sobre qualquer coisa. É uma coisa boa. A palavra repugnância, *iya* em japonês, tem dois ideogramas, 嫌 e 厭, e o segundo dá a impressão de maior repugnância. Por isso pratico a escrita desse. 厭, 厭.

Midoriko

Makiko, que estava chegando de Osaka, era minha irmã mais velha. Ela tinha nove anos a mais que eu, então estava com trinta

e nove. Tinha uma filha chamada Midoriko, que iria completar doze anos em breve. Ela teve a filha aos vinte e sete anos e a criava sozinha.

Depois que completei dezoito anos, morei por alguns anos com Makiko e Midoriko, que era recém-nascida, num apartamento em Osaka. Makiko tinha se separado do marido antes de a filha nascer e, como eu ia muito à casa dela, por motivos financeiros e por ela precisar de ajuda chegamos à conclusão de que, para não ter que ir e voltar constantemente, o melhor e mais fácil seria nós três morarmos juntas. Midoriko nunca conheceu o pai, e eu não soube de ela tê-lo encontrado depois. Acho que cresceu sem saber nada sobre ele.

Até hoje eu não sabia direito o motivo pelo qual minha irmã tinha se separado do marido. Lembrava que na época conversei bastante com ela sobre o divórcio e seu ex-marido, e lembrava de ter pensado que era um absurdo, mas não conseguia recordar concretamente o que achei um absurdo. Meu ex-cunhado nasceu e cresceu em Tóquio, conheceu minha irmã quando morava em Osaka por causa do trabalho e, se eu não estava enganada, ela engravidou da minha sobrinha um pouco depois de eles se conhecerem. Lembrava vagamente que ele usava o dialeto de Tóquio, considerado a língua-padrão, que eu nunca tinha ouvido alguém falar de verdade em Osaka, e ele chamava minha irmã de “você” de uma maneira curiosa.

Quando Makiko e eu éramos crianças, morávamos com os nossos pais no terceiro andar de um pequeno prédio. O apartamento era pequeno, com dois cômodos contíguos, um de seis e outro de quatro tatames. No primeiro andar funcionava um bar *izakaya*. Morávamos numa cidade portuária, de modo que bastava caminhar por alguns minutos para vermos o mar. Eu observava as ondas escuras feito chumbo baterem e rebentarem no cais cinzento, provocando um grande estrondo, e me esquecia do tempo. De qualquer lugar dava para sentir a umidade do mar e os sinais da maré, e, quando chegava a noite, as ruas ficavam

abarrotadas de homens bêbados e barulhentos. Muitas vezes vi gente agachada na beira da estrada ou à sombra dos prédios. Gritarias e pancadarias eram as coisas mais banais, e uma vez alguém jogou uma bicicleta bem na minha frente. Os vira-latas davam à luz muitos filhotes e, quando estes cresciam, davam à luz mais vira-latas. Moramos nessa cidade só por alguns anos, porque meu pai desapareceu quando comecei a frequentar a escola primária e nós três, minha irmã, minha mãe e eu, fomos morar com minha avó em um conjunto habitacional.

Morei com meu pai só por sete anos, e, mesmo que eu fosse criança, percebia que ele era baixinho. Tinha a estatura de um menino em idade escolar.

Ele não trabalhava e vivia deitado o tempo todo, fosse de manhã, fosse à noite. Minha vó Komi — como chamávamos nossa avó materna —, que o odiava porque só fazia a filha sofrer, chamava-o de “toupeira” pelas costas. Vestindo uma camiseta amarelada sem manga e calça, ele ficava à toa no colchão *futon* estendido nos fundos do quarto, que nunca era guardado, e assistia à TV de manhã até à noite. Na sua cabeceira ficava uma lata vazia, usada como cinzeiro, e uma pilha de revistas, e o quarto vivia cheio de fumaça de cigarro. Meu pai era tão preguiçoso que, quando queria olhar para nós, se estivéssemos atrás dele, usava um espelho para não precisar se virar. Quando estava de bom humor, fazia brincadeiras, mas geralmente falava pouco; não me lembro de ter brincado nem saído para passear com ele. Quando ficava mal-humorado, gritava de repente, mesmo se estivesse dormindo, vendo TV ou fazendo nada, e, às vezes, quando bebia, batia na minha mãe tomado pela fúria. Nessas horas, ele aproveitava e batia em Makiko e em mim, arranjando alguma desculpa, e todas nós tínhamos muito medo desse homem baixinho.

Certo dia, quando voltei da escola, ele não estava em casa.

O apartamento continuava igual: apertado e escuro, com uma pilha de roupa amontoada no chão. Mas só pelo fato do meu pai não estar ali, tudo pareceu diferente. Respirei fundo e fui para o

meio do quarto. Comecei a soltar a voz. Primeiro falei baixinho, como se testasse a garganta, e em seguida soltei palavras incompreensíveis que vieram do fundo da minha barriga, com toda a força. Não havia ninguém por perto. Ninguém para me dar bronca. Depois mexi meu corpo aleatoriamente. Quanto mais movia os braços e as pernas, livre, sem pensar em nada, mais leve meu corpo ficava, e tive a sensação de que uma força brotava de algum lugar do meu íntimo. A camada de pó acumulado sobre a TV, a louça suja empilhada na pia da cozinha, a porta do guarda-louça com adesivos colados, a madeira de um pilar talhada com marcas indicando nosso crescimento. Todas essas coisas que me eram familiares pareceram resplandecer, como se tivessem sido polvilhadas de pó mágico.

Logo em seguida fiquei deprimida. Sabia que esse momento duraria apenas um instante, sabia muito bem que minha vida voltaria a ser como antes. Meu pai só tinha saído para resolver algum assunto, o que era raro, mas logo voltaria. Tirei a mochila, me sentei no canto do quarto, onde sempre ficava, e suspirei.

Mas meu pai não voltou. Não voltou no dia seguinte nem no outro. Depois de um tempo, homens começaram a vir à sua procura, e minha mãe os enxotou todas as vezes. Certo dia, fingimos que não tinha ninguém em casa, e na manhã seguinte encontramos guimbas de cigarro espalhadas na frente da porta. Isso se repetiu algumas vezes. Quando já fazia cerca de um mês do sumiço do meu pai, minha mãe puxou o *futon* dele, que continuava estendido no quarto, e o enfiou dentro da banheira que não usávamos desde que o sistema de ignição quebrara. No banheiro apertado que cheirava a mofo, o colchão do meu pai, impregnado de suor, gordura e cheiro de cigarro, pareceu assustadoramente amarelado. Depois de observá-lo por um tempo, minha mãe deu uma voadora nele com toda a força. E, passado aproximadamente um mês desse dia, mamãe acordou Makiko e eu tarde da noite, nos sacudindo e dizendo “Levanta! Levanta!”, e mesmo no escuro sabíamos que ela estava com uma expressão de desespero no rosto. Fomos colocadas em um táxi e fugimos de casa.

Não sabia o significado ou a razão de termos que fugir no meio da noite, nem para onde estávamos indo. Algum tempo depois, tentei perguntar à minha mãe o que tinha acontecido, de forma discreta, mas, como o assunto do meu pai se transformou em uma espécie de tabu, não consegui extrair nenhuma informação dela. Sem saber o que estava acontecendo, naquela noite tive a impressão de que corremos de táxi na escuridão a noite inteira, mas enfim chegamos à casa da minha amada vó Komi, que ficava do outro lado da cidade, a uma distância de menos de uma hora de trem.

Passei mal no táxi e vomitei no *nécessaire* que minha mãe esvaziara e me dera para isso, mas não saiu quase nada do meu estômago. Limpei com a mão a saliva que escorreu junto com a bile e, enquanto minha mãe acariciava minhas costas, fiquei pensando o tempo todo na minha mochila. Os livros que tinha separado para as aulas de terça-feira. Cadernos. Adesivos. O bloco de desenho que havia colocado debaixo dos outros cadernos, onde guardara o desenho de um castelo concluído na noite anterior, depois de trabalhar vários dias nele. A gaita que tinha posto no compartimento lateral da mochila. A lancheira com o almoço pendurada na lateral. Meus lápis favoritos, marcador, bolinhas perfumadas, borracha, tudo dentro do estojo ainda novo. Meu gorro brilhante. Eu adorava minha mochila. Na hora de dormir, colocava-a na cabeceira, e, quando a carregava nas costas, segurava firmemente a alça, e sempre a tratei com cuidado. Ela era como um quarto só meu, que eu podia levar nas costas.

Mas eu a tinha abandonado, junto com o moletom branco de que gostava, as bonecas, os livros e minha tigela. Deixando tudo isso para trás, estávamos correndo no meio da escuridão. *Provavelmente nunca mais vou voltar para aquele quarto, pensei. Nunca mais vou carregar aquela mochila nas costas, nunca mais vou abrir o caderno e praticar caligrafia na mesa de kotatsu, com aquecedor embutido, com o estojo colocado bem na quina. Nunca mais vou apontar o lápis como apontava, nunca mais vou ler um livro encos-*

*tada naquela parede áspera. Nunca mais.* E ao imaginar isso, tive uma sensação muito estranha. Uma parte da minha mente parecia estar levemente anestesiada, nebulosa, e não consegui reunir força para mexer as mãos ou os pés. Eu me perguntei se era eu mesma que estava ali. Porque até pouco tempo atrás eu achava que na manhã seguinte acordaria como em todas as outras manhãs, iria para a escola e o meu dia seria como todos os outros até então. Quando tinha fechado os olhos algumas horas antes, jamais imaginaria que em pouco tempo deixaria tudo para trás e estaria dentro de um táxi cruzando a noite junto com minha mãe e Makiko, para nunca mais voltar.

Ao observar a escuridão passando lá fora pela janela, tive a impressão de que o eu de algumas horas atrás continuava dormindo no *futon*. Quando esse eu acordar de manhã e perceber que não estou lá, o que fará? Ao pensar nisso, fui tomada de súbito por uma sensação de desolação e pressionei o ombro com força no braço de Makiko. Gradualmente fui sendo assolada pelo sono. Pela fresta das minhas pálpebras que caíam, vi números que brilhavam em tom verde. À medida que nos afastávamos do nosso apartamento, esses números se multiplicaram em silêncio.

A vida a quatro — nós três junto da vó Komi — que começou naquele dia, quando fugimos no meio da noite do nosso apartamento, não durou muito tempo. Quando eu tinha quinze anos, a vó Komi morreu. Dois anos antes, quando estava com treze, minha mãe havia morrido.

Makiko e eu ficamos completamente órfãs de repente e, ao encontrar oitenta mil ienes no fundo do altar budista da vó Komi, consideramos aquele dinheiro o nosso talismã. A partir daí começamos a trabalhar desesperadamente para sobreviver. Não me lembro de quase nada desde o início do ensino fundamental II, quando minha mãe foi diagnosticada com câncer de mama, até a época do ensino médio, quando a vó Komi morreu de câncer de pulmão, como se estivesse indo ao encontro da nossa mãe. Eu estava ocupada demais trabalhando.

Uma das poucas lembranças que tinha era da fábrica onde ia trabalhar em todas as férias de primavera, verão e inverno quando estava no ensino fundamental II, mentindo sobre minha idade. Do cabo do soldador elétrico pendendo do teto, do ruído das faíscas, das caixas de papelão empilhadas até o alto. E, é claro, do *snack bar* que frequentava desde o ensino fundamental I. Um pequeno estabelecimento que pertencia a uma amiga da minha mãe. Minha mãe tinha alguns serviços temporários de dia e, à noite, trabalhava nesse *snack bar*. Makiko começou a trabalhar lá lavando louça quando estava no ensino médio e, depois de um tempo, também passei a ajudar na cozinha, até que comecei a preparar drinks e petiscos enquanto via minha mãe atender os fregueses bêbados. Além do emprego no bar, minha irmã arranhou outro num restaurante de *yakiniku*, ou seja, de carne fatiada e assada na grelha, e, com o salário de cerca de seiscentos ienes por hora, conseguiu fazer a fortuna de cento e vinte mil ienes em um único mês, seu recorde, trabalhando arduamente (ela virou uma espécie de lenda desse lugar). Foi efetivada alguns anos depois de concluir o ensino médio e trabalhou até o restaurante falir. Depois ela engravidou, teve a Midoriko, experimentou várias atividades temporárias e hoje, com trinta e nove anos, trabalhava cinco dias por semana num outro *snack bar*. Ou seja, Makiko estava seguindo praticamente o mesmo caminho da nossa mãe: mãe solo que trabalhou desesperadamente até adoecer e morrer.

Passados quase dez minutos do horário marcado, Makiko e Midoriko ainda não haviam aparecido no lugar combinado. Liguei, mas minha irmã não atendeu, e não recebi nenhuma mensagem sua. Será que estariam perdidas? Quando decidi esperar mais cinco minutos para ligar de novo, o celular tocou, avisando a chegada de uma mensagem.

“Não sei onde é a saída. Estamos na plataforma onde desembarcamos.”

Verifiquei no painel de horários eletrônico o número do trem-bala em que as duas deveriam ter chegado, comprei o bilhete de entrada no terminal de autoatendimento e passei pela catraca. Ao subir até o andar térreo de escada rolante, senti uma lufada de ar quente de agosto, o que me causou a sensação de estar numa sauna, e comecei a suar. Ao avançar desviando-me das pessoas que aguardavam o próximo trem-bala ou que estavam paradas diante do quiosque, avistei as duas sentadas no banco perto da parada do vagão 3.

— Quanto tempo! — Makiko sorriu, feliz, quando me viu.

Também sorri. Assim que vi Midoriko sentada ao lado da mãe, tive a sensação de que a menina que eu conhecia havia dobrado de tamanho.

— Midoriko! Que pernas são essas? — gritei sem querer, assustada com seu crescimento.

Ela estava com um rabo de cavalo alto, vestia uma camiseta azul-marinho lisa de decote redondo e uma bermuda. Suas pernas pareciam assustadoramente compridas — talvez também porque ela estava sentada na ponta do banco —, e dei um tapinha no seu joelho. Por reflexo, Midoriko me olhou com uma expressão de vergonha e desconforto misturados, mas Makiko se intrometeu:

— Não é? Está enorme, né? — disse minha irmã.

Midoriko pareceu instantaneamente mal-humorada e desviou o olhar, puxando a mochila que estava ao seu lado e apoiando-se nela como se a abraçasse. Minha irmã olhou para mim, fez uma cara de quem está exasperada, balançou levemente a cabeça e deu de ombros, como se dissesse “Está vendo?”.

Fazia seis meses que Midoriko não falava com a mãe.

Ninguém sabia o motivo. Segundo Makiko, certo dia, de repente, a filha parou de responder mesmo quando ela lhe dirigia a palavra. No começo, minha irmã ficou preocupada, achando que poderia ser algum distúrbio psicogênico, mas, fora o fato de não falar com a mãe, a menina levava a mesma vida de antes, sem problemas. Tinha muito apetite, ia para a escola normalmente e



conversava com os colegas e professores como sempre. Ou seja, ela só se recusava a falar em casa, só com a mãe. Fazia isso de propósito. Por mais que minha irmã tentasse descobrir o motivo, de diversas formas, com cuidado, Midoriko se recusava a responder com obstinação.

— Ultimamente é só com a caneta. Como se diz mesmo? Conversa por escrito — explicou minha irmã ao telefone, soltando um suspiro, logo que a filha tinha parado de falar com ela.

— Caneta?

— É, caneta, de escrever. Comunicação por escrito. Ela não fala. Eu falo, claro. Mas Midoriko usa a caneta. Ela não fala. Não fala nada. Acho que já vai fazer um mês.

— Um mês? É muito tempo.

— É, é muito tempo.

— Muito tempo.

— No começo, eu fazia um monte de perguntas, enchia o saco dela, mas ela continuou sem falar comigo. Talvez tivesse algum motivo, mas, por mais que eu pergunte, ela não me responde. Não fala comigo. Não adianta eu ficar brava, não sei o que fazer, mas parece que com os outros ela conversa normalmente... Deve ser uma fase, muitas coisas devem passar pela cabeça dela, muitas coisas em relação a mim também. Mas isso não deve durar muito tempo, vai dar tudo certo, não tenho com o que me preocupar.

Ela havia rido ao telefone de forma despreocupada, mas já se passaram seis meses desde então. O relacionamento das duas continuava igual e não havia sinais de que iria mudar.

○ Parece que a maioria das meninas da minha turma já teve a primeira menstruação, e na aula de educação sobre saúde de hoje foi explicado como ela funciona. Explicaram por que sangramos, o que acontece dentro do nosso corpo, como usar o absorvente e mostraram o desenho de um grande útero que disseram que te-

mos dentro do corpo. Quando me encontro depois com outras meninas no banheiro, só as que já menstruaram se reúnem e cochicham entre si, como se as outras não entendessem do que elas estão falando. Elas carregam um saquinho de pano onde guardam o absorvente, e, quando pergunto “O que é isso?”, uma delas responde: “É segredo.” Elas sussurram entre si coisas que só as que já tiveram a primeira menstruação entendem, mas falam tão alto que as outras conseguem ouvir. Deve ter outras meninas que ainda não menstruaram, mas entre minhas amigas próximas parece que só eu ainda não passei por isso.

Me pergunto como é ficar menstruada. Dizem que a barriga dói muito, e o pior de tudo é que isso vai continuar por décadas. Como assim? Vou me acostumar com isso? Sei que a Jun-chan ficou menstruada porque ela me contou, mas, pensando bem, como as meninas que já tiveram a primeira menstruação sabem que eu ainda não tive? Mesmo as que tiveram não ficam espalhando para todas que tiveram, e nem todas vão para o banheiro carregando o saquinho de pano à mostra. Como todas percebem quem já menstruou e quem ainda não menstruou?

Então resolvi procurar o significado de primeira menstruação, menarca, *shochō* em japonês (初潮). O primeiro ideograma, 初, representa o “começo”, “início”, e isso eu compreendo. Mas o que significa o segundo ideograma, 潮? Eu pesquisei e descobri que tem vários significados. Por exemplo, pode significar “maré”, que é o movimento da água do mar que ora fica alta, ora fica baixa, dependendo da força gravitacional da Lua e do Sol. Significa também “momento oportuno”. Outro significado é *aikyō* (愛嬌), mas o que é *aikyō*? Pesquisei e descobri que é chamar a atenção dos fregueses no comércio, ser agradável. Por que essa palavra está colocada como se tivesse alguma relação com a menarca, que é a primeira menstruação, quando as meninas começam a sangrar entre as pernas? Que raiva.

Midoriko

Ao caminhar ao lado de Midoriko, percebi que ela ainda era um pouco mais baixa que eu, mas suas pernas eram bem mais compridas que as minhas e seu tronco era curto. Quando eu perguntei “Então temos aqui uma amostra da geração Heisei?”, ela meneou a cabeça, mostrando-se aborrecida, e diminuiu o passo de propósito, para andar atrás de mim e de Makiko. Como a mala de viagem velha que minha irmã carregava, com o braço demasiadamente fino, parecia pesada, estendi a mão algumas vezes me oferecendo para segurar, mas ela se recusou de maneira obstinada, fazendo cerimônia.

Até onde eu sabia, era a terceira vez que Makiko vinha a Tóquio. Ela olhava para todos os lados e exclamava, animada: “Quanta gente!”, “A estação é enorme!”, “Todas as pessoas de Tóquio têm o rosto pequeno!”; e quando quase esbarrava em alguém que vinha da direção oposta, ela pedia desculpas bem alto. Eu assentia ou respondia com monossílabos enquanto ela falava, e ao mesmo tempo estava atenta para ter certeza de que minha sobrinha nos acompanhava. Intimamente, porém, estava impressionada com a evidente mudança na aparência da minha irmã, a ponto de sentir meu coração palpitando.

Ela havia envelhecido.

É claro que era natural as pessoas envelhecerem com o passar dos anos, mas Makiko parecia uma idosa. Se alguém me dissesse que Makiko tinha cinquenta e três anos, seria fácil acreditar, apesar de ela ainda estar com trinta e nove.

Ela nunca foi gorda, mas agora tanto os braços e as pernas quanto a cintura estavam visivelmente mais finos do que antes, em comparação com a Makiko de quem eu me lembrava. Talvez a roupa contribuisse para deixá-la mais magra: estava usando uma camiseta estampada que ficaria bem em uma moça na faixa dos vinte anos, calça jeans de cintura baixa apertada que as jovens costumavam vestir e mules cor-de-rosa com um salto

que parecia ter cerca de cinco centímetros. Minha irmã tinha se tornado esse tipo de mulher que a gente via com frequência ultimamente: de costas parecia jovem, mas, ao se virar, deixava as pessoas assustadas.

Mesmo deixando de lado a discrepância entre a aparência física e a roupa e o sapato que usava, tanto seu corpo quanto seu rosto tinham nitidamente encolhido, e suas feições emanavam um ar triste. A coroa amarelada do dente parecia saltada e a gengiva estava escura por causa do metal na raiz do dente. Os cabelos tingidos e com permanente já estavam desbotados e quase sem nenhuma ondulação, os fios tão finos que no topo da cabeça, onde o suor brilhava, dava para ver o couro cabeludo. Ela usava muita base no rosto, do tom errado, o que deixava a pele pálida e acentuava ainda mais as rugas. Toda vez que ria, os músculos do seu pescoço pulavam a ponto de eu achar que conseguiria pegá-los, e as pálpebras estavam completamente encovadas.

Sua aparência inevitavelmente me fez lembrar da nossa mãe numa determinada fase da vida. Não sabia se a filha tinha ficado parecida com a mãe por envelhecer naturalmente, ou se o corpo da filha estava passando pelo mesmo processo pelo qual passara o corpo da mãe, e por isso eu achava que elas estavam parecidas. Várias vezes me senti tentada a perguntar “Você está bem? Está indo ao médico direitinho?”, mas imaginei que talvez ela também poderia estar preocupada com isso, então evitei tocar no assunto. No entanto, apesar da minha inquietação, Makiko estava animada. Parecia acostumada com a dinâmica silenciosa com a filha, dirigia palavras a ela alegremente por mais que fosse ignorada e, bem-humorada, continuou falando conosco sobre vários assuntos de pouca relevância.

— Maki, até quando você está de folga? — perguntei.

— Tenho três dias de folga, incluindo hoje.

— Só?

— Vamos dormir na sua casa hoje e amanhã, e depois de amanhã já vamos embora, porque trabalho à noite.

— Como anda o trabalho? Muito movimento?

— Não! — respondeu, sugando o ar entre os dentes e exibindo uma expressão de quem diz que a situação não está nada boa.

— Muitos dos *snack bar* da região faliram.

Makiko era *hostess*, mas, em síntese, havia vários tipos de *hostess*. Não era muito educado dizer isso, mas havia do mais alto nível até o mais baixo, e, só de ouvir o endereço entre os inúmeros bairros de bares de Osaka, era possível saber o tipo de freguesia, de *hostess*, de bar, entre outras informações gerais.

O *snack bar* onde minha irmã trabalhava ficava num lugar chamado Shobashi, em Osaka. Era o bairro onde mamãe, Makiko e eu trabalhávamos desde que tínhamos fugido do nosso antigo apartamento e ido morar com a vó Komi. Um bairro muito longe de ser de alto nível, com uma concentração de construções que decaíam gradualmente, cujas cores desbotavam cada vez mais e ficavam marrons com o tempo.

Bar de bebida barata; barraca de macarrão *soba* — massa de trigo-sarraceno — sem lugar para sentar; barraca de prato feito sem lugar para sentar; salão de chá. Motel operando em uma casa em ruínas, mais para cabana de amor do que para hotel de amor. Restaurante de *yakiniku* num prédio comprido que parecia um trem; restaurante de *motsuyaki*, um tipo de espetinho de miúdos, envolvido por uma densa e absurda fumaça; farmácia com uma placa com os dizeres “Remédio para hemorroidas e sensibilidade excessiva ao frio”. Entre os prédios dos estabelecimentos não havia nenhum vão. Ao lado do restaurante de enguia tinha um *telephone club*;<sup>\*</sup> ao lado de uma imobiliária, tinha um bordel e uma casa de jogos de *pachinko* com anúncio luminoso brilhante e bandeiras tremulando ao vento. Havia também uma loja de ca-

---

\* *Telephone club* ou *terekura*, sua forma abreviada, era um serviço de encontros que se tornou popular no Japão na década de 1990. O homem pagava uma taxa, entrava numa cabine e aguardava a ligação de uma mulher, e os dois podiam marcar um encontro fora do recinto. [N. da T.]

rimbo *banko* cujo dono nunca estava no local; e um fliperama esquisito e sinistro sob todos os ângulos, sempre escuro a qualquer hora do dia; também havia outros estabelecimentos dispostos de forma quase amontoada.

Além das pessoas que frequentavam esses locais e dos transeuntes, via-se também gente caída e imóvel na frente do telefone público, uma mulher que visivelmente tinha mais de sessenta anos atraindo fregueses com a oferta de uma dança por dois mil ienes, e também, lógico, indigentes e bêbados... Ou seja, todo tipo de pessoa. À primeira vista, um bairro amistoso e animado, mas, honestamente, era um lugar sem nenhuma classe, e Makiko trabalhava das sete da noite à meia-noite no *snack bar* que ficava no terceiro andar de um prédio com vários estabelecimentos e onde ecoava o som do karaokê da tarde até à noite.

Esse *snack bar*, com alguns bancos no balcão e alguns assentos no *box* — um sofá cercado por uma divisória —, lotava com apenas quinze fregueses, e, quando uma *hostess* conseguia uma venda de dez mil ienes em uma noite, já era considerado um grande feito. Existia um acordo tácito sobre as *hostess* fazerem vários pedidos para impulsionar as vendas. Acompanhar os fregueses e consumir bebida barata não era uma boa estratégia, então elas eram incentivadas a pedir, na conta dos clientes, chá Oolong, que não embriagava por mais que tomassem. Uma latinha custava trezentos ienes. É lógico que elas mesmas preparavam o chá com água quente, esperavam esfriar, reutilizavam a mesma latinha e a serviam como se tivessem acabado de levantar o anel da lata. Quando o estômago se enchia de líquido, pediam comida. Diziam: “Estou com fome, posso pedir comida?” — e faziam o pedido na conta do freguês: salsicha, omelete, sardinha a óleo e frango frito, pratos que pareciam mais acompanhamentos de uma marmita ou *bentō* do que aperitivos. Depois era a vez de cantar no karaokê. Uma música custava cem ienes, e, já que de música em música chegava-se a mais de mil ienes, tanto as *hostess* mais velhas quanto as mais novas, tanto as que gostavam de cantar quanto as mais desafinadas

cantavam todas as músicas que conheciam. No entanto, mesmo assim, mesmo se esforçando com o corpo entumecido de tanto consumir sal, ingerir líquido e ficando sem voz, geralmente os fregueses deixavam o local sem gastar nem cinco mil ienes.

A *mama*, dona do *snack bar* onde Makiko trabalhava, era uma senhora gorda e baixinha, com um ar alegre e com cerca de cinquenta e cinco anos. Eu me encontrei com ela apenas em uma ocasião. Quando minha irmã a viu pela primeira vez, na entrevista, não sabia se o cabelo dela era tingido ou descolorido; não era loiro, mas sim amarelado, e estava preso em um coque alto. Com o cigarro Hope entre os dedos curtos e carnudos, ela perguntou:

— Você conhece a Chanel?

— Sim, é a marca de roupas, não é? — respondeu Makiko.

— É — disse a *mama*, soltando a fumaça pelo nariz. — São bonitas, não acha?

Na parede para a qual ela apontou com o queixo havia duas echarpes da Chanel em molduras de plástico, como se fossem pôsteres. Estavam iluminadas por um holofote amarelado.

— Eu adoro Chanel — disse a *mama*, os olhos semicerrados.

— É por isso que este bar se chama Chanel? — perguntou Makiko enquanto olhava as echarpes na parede.

— É. Chanel é o sonho de toda mulher. É elegante. Muito caro, com certeza. Olhe esses brincos — disse a *mama*, inclinndo o queixo rechonchudo e mostrando a orelha a Makiko.

Mesmo sob a luz do bar, dava para notar que o brinco redondo e dourado fosco fora usado por vários anos. Nele estava talhado em alto-relevo o símbolo da Chanel, que Makiko conhecia.

Toalha do banheiro, descanso cartonado para copo, adesivos colados na porta de vidro da cabine telefônica no interior do bar, cartão de visita, tapete, caneca: havia produtos com o logo da Chanel em todo o canto do estabelecimento, mas, segundo a *mama*, eram imitações chamadas de supercópias que ela juntara com afimco e diligência, despendendo muito tempo e procurando nas barracas de Tsuruhashi e Minami. Até minha irmã, que

não sabia nada de Chanel, percebia à primeira vista que eram produtos falsificados, mas a *mama* aumentava a coleção aos poucos, com um amor extraordinário. A presilha e os brincos que ela usava todos os dias, impreterivelmente, eram as poucas peças genuínas que tinha da marca, compradas quando ela estava abrindo o *snack bar*, para atrair sorte — compra essa que fizera com uma grande determinação. Pelo visto a *mama* estava mais fascinada pelo som da palavra “Chanel” e pelo formato impactante da logo da marca do que pelos produtos em si. Certa vez, quando uma das *hostess* novas perguntou “De que país é a Coco Chanel?”, Makiko ouviu a *mama* responder: “É dos Estados Unidos.” Pelo jeito ela achava que todo branco era norte-americano.

— E a *mama*, está bem? — perguntei.

— Sim, está bem. Mas o *snack bar* passou por uns problemas.

Chegamos à estação Minowa, a mais próxima do meu apartamento, um pouco depois das duas da tarde. No caminho, comemos macarrão *soba* numa barraca sem cadeiras, pagando duzentos e dez ienes por cada prato, e caminhamos cerca de dez minutos no meio do ciciar intenso das cigarras que pareciam tentar colorir todas as coisas com a intensidade do seu som.

— Você saiu de casa só para nos buscar?

— Não, eu tinha algo para resolver antes. O apartamento é seguindo reto depois dessa ladeira.

— É uma boa caminhada, um bom exercício.

No começo, tanto minha irmã quanto eu conversávamos rindo, cheias de disposição, mas, à medida que andamos, fomos ficando cada vez mais caladas por causa do calor. O ciciar ininterrupto das cigarras enchia os ouvidos, e os raios de sol queimavam nossa pele devagar. Os telhados, as folhas das árvores das ruas e as tampas dos bueiros pareciam sugar a luz clara do verão e, quanto mais ela brilhava, mais a escuridão parecia nublar nossos olhos. Encharcadas de suor, que escorria pelo corpo, finalmente chegamos ao meu apartamento.



— Chegamos — anunciei.

Makiko deu um longo suspiro. Midoriko se agachou ao lado do vaso perto da entrada e aproximou o rosto da folha da planta que eu não sabia o nome. Ela pegou um pequeno caderno de dentro da mochila e escreveu “De quem é?”. A letra dela tinha um traço surpreendentemente grosso e escuro, pois ela pressionava o lápis com força, e tive a impressão de estar olhando para grandes letras escritas na parede. Lembrei que, quando Midoriko ainda era bebê, eu achava inacreditável que um ser tão pequenino que parecia de mentira, que apenas respirava, pudesse ser capaz de ir ao banheiro, comer e começar a escrever sozinho um dia.

— Não sei de quem é, mas pertence a alguém. O meu apartamento fica no andar de cima. É naquela janela. Subindo a escada, é a porta à esquerda.

Subimos, em fileira, a escada enferrujada.

— É pequeno, mas entrem.

— É um bom apartamento — disse Makiko com uma voz alegre ao tirar os sapatos, curvando-se para a frente, como se espiasse o interior. — É um típico apartamento de quem mora sozinha! Que legal. Com licença.

Midoriko seguiu a mãe em silêncio e entrou no quarto dos fundos. Era um apartamento com uma cozinha de quatro tatames e um quarto de seis tatames contíguos, onde eu morava desde que tinha me mudado para Tóquio, ou seja, há quase dez anos.

— Você colocou carpete? Como é o chão? Assoalho de madeira?

— Não, é tatame. Como já estava gasto quando me mudei, coloquei um carpete por cima.

Enxuguei o suor com as costas da mão e liguei o ar-condicionado, ajustando a temperatura em vinte e dois graus. Abri a mesa baixa dobrável que estava encostada na parede e coloquei sobre ela três copos de vidro do mesmo conjunto, que tinha comprado especialmente para esta ocasião em uma lojinha perto de casa.

Eles tinham o desenho de uma pequena uva lilás-claro. Quando enchi os copos com *mugicha*, o chá de cevada que deixara esfriando na geladeira, Makiko e Midoriko tomaram-no de uma só vez com gosto.

— Agora, sim, voltei à vida — disse minha irmã, inclinando-se muito para trás.

Dei a ela uma almofada *bean bag* que estava no canto do quarto. Midoriko tirou a mochila das costas e deixou no canto do cômodo, levantou-se e olhou ao redor, como quem olha algo incomum. Era um quarto pequeno e simples com poucos móveis, e minha sobrinha pareceu se interessar pela minha estante.

— Quantos livros, né? — comentou minha irmã.

— Não é muito, não.

— Mas essa parede aqui é praticamente só de livros. Quantos você tem?

— Nunca contei, mas não tenho tantos assim. Uma quantidade normal.

Para Makiko, que não tinha o hábito de ler, podia parecer muito, mas, na realidade, não era.

— Ah, é?

— É, sim.

— Somos irmãs, mas nesse aspecto somos completamente diferentes. Eu não tenho o menor interesse nisso. Mas Midoriko adora livros. Ela gosta da matéria de língua japonesa também, não é, filha?

Sem responder à pergunta da mãe, Midoriko aproximou o rosto da estante e olhou atentamente a lombada de cada livro.

— Será que posso tomar uma ducha? — perguntou minha irmã, afastando com a ponta dos dedos o cabelo grudado no rosto. — Desculpe lhe pedir isso assim que chegamos.

— Com certeza. É a porta à esquerda. O lavabo é separado.

Enquanto a mãe tomava uma ducha, Midoriko continuou observando a estante. As costas dela estavam encharcadas de suor, e a camiseta azul-marinho, praticamente preta.

— Você não quer se trocar? — perguntei.

Depois de um tempo ela balançou a cabeça, como se dissesse que não, que estava bem assim.

Ao observar as costas da minha sobrinha e ouvir distraidamente o barulho do chuveiro vindo do banheiro, tive a impressão de que o apartamento estava com um ar um pouco diferente do normal, apesar de nada ter mudado. Era uma sensação de estranheza, como quando olhamos um velho porta-retrato e percebemos que a fotografia fora trocada um dia, mas nunca havíamos notado a mudança. Refleti sobre essa sensação enquanto tomava *mugicha*, porém não entendi de onde ela vinha.

Makiko saiu do banho vestindo uma camiseta de gola esgarçada e uma calça larga.

— Peguei uma toalha sua. O jato de água é tão forte! — disse ela, batendo levemente o cabelo com a toalha para secar.

Vendo o rosto dela sem maquiagem, me senti um pouco mais aliviada. Comecei a achar que a impressão que tive no nosso reencontro mais cedo talvez estivesse errada. Ao olhá-la revigorada, pensei que talvez tivesse me enganado sobre ela estar muito magra. No rosto, o problema foi porque a cor da base nitidamente não combinava com a pele, e ela aplicou produto demais, mas, no fim das contas, talvez Makiko nem tivesse mudado tanto assim. Fiquei assustada na estação porque fazia muito tempo que não a via, e reagi exageradamente. Podia ser também que agora já tivesse me acostumado com sua aparência, mas comecei a achar que condizia com a idade da minha irmã. Esse pensamento me deixou mais aliviada.

— Posso pendurar isso? Tem varanda?

— Não, não tem varanda neste apartamento.

— Não? — perguntou Makiko, assustada, e Midoriko se virou ao ouvir a voz da mãe. — Como assim, não tem varanda?

— Não tem. — Ri. — Se abrir a janela, vai ver uma grade. Cuidado para não cair.

— E onde você seca suas roupas?

— Tem terraço no prédio, seco as roupas lá. Quer dar uma olhada mais tarde? Depois que o calor amenizar um pouco.

— Ah, é? — respondeu minha irmã em um quase monossílabo, então pegou o controle remoto da TV, ligou-a e ficou zapeando.

Programa de culinária, televidas e programa de variedades. Neste último canal, a tela inteira mostrava um cenário de grande tensão, revelando que acontecera algo grave. A repórter, com um microfone na mão, falava voltada para a câmera com uma fisionomia séria e concentrada. Atrás dela aparecia um bairro residencial, uma ambulância, policiais e uma lona azul.

— Aconteceu algo? — perguntou Makiko.

— Não sei.

Uma universitária que morava na região de Suginami, em Tóquio, fora esfaqueada no rosto, no pescoço, no peito, na barriga, ou seja, no corpo inteiro, perto de casa, por um homem. Ela estava internada em estado grave, com parada cardíaca, dizia a repórter. Ela falava também que um homem, na faixa dos vinte anos, se entregou à delegacia mais próxima cerca de uma hora após o crime e está sendo interrogado, e que a polícia desconfia de que ele saiba de alguma coisa. Durante toda a cobertura, uma grande foto da universitária esfaqueada aparecia na parte superior esquerda da tela junto ao nome dela. “Lá podemos ver sinais nítidos de sangue”, apontava a repórter com um ar de tensão, virando-se para trás de vez em quando. Atrás dela havia uma fita amarela para impedir a entrada de pessoas não autorizadas, e alguns curiosos tentavam se aproximar para tirar fotos com seus celulares.

— Ela é bonitinha — sussurrou minha irmã.

Teve outro caso recentemente.

— É, né? — respondi.

Se me lembrava bem, na semana retrasada, parte do que parecia o corpo de uma mulher tinha sido encontrado na lixeira do parque Shinjuku Gyoen. Pouco tempo depois foi descoberto que era o corpo de uma mulher de setenta anos desaparecida

havia alguns meses, e em seguida um rapaz de dezenove anos desempregado que morava próximo ao local. Era uma velhinha sem família que vivia sozinha num apartamento antigo na região central de Tóquio, e os grandes veículos de comunicação especulavam a relação dos dois e o motivo do assassinato.

— Não teve o caso de uma velhinha que foi assassinada e esquartejada?

— Teve, sim. Ela foi encontrada na lixeira do parque Shinjuku Gyoen.

— Como é esse parque?

— Parece um imenso jardim.

— O assassino era um rapaz jovem, não era? — perguntou minha irmã, franzindo a testa. — E a vítima tinha uns setenta anos, não tinha? Ou era mais velha? — Makiko ficou pensativa. — Espera aí. Setenta anos não era a idade com que a vó Komi morreu?

Ela gritou, arregalando os olhos, como se tivesse se assustado com as próprias palavras.

— A velhinha não foi estuprada?

— Acho que foi.

— Que horrível — disse Makiko, emitindo um gemido que vinha do fundo da garganta. — Não dá para acreditar. Ela era da mesma idade da vó Komi. Como pode?

A mesma idade com que a vó Komi morreu — provavelmente daqui a uma hora eu ia me esquecer desse assassinato assim como tinha me esquecido dos outros —, mas o que minha irmã disse, “mesma idade da vó Komi”, não saiu da minha cabeça por um tempo. Vó Komi. Quando a vó Komi morreu, ela já era uma velhinha, independentemente do ângulo pelo qual fosse vista. Era velhinha quando foi internada depois de ser diagnosticada com câncer, mas, mesmo quando estava bem, já era uma idosa. Melhor dizendo, na minha memória, a vó Komi sempre foi uma velhinha, do início ao fim. Obviamente não havia nenhum pingo de sensualidade nela, e não havia nenhuma margem para pensar isso dela. Velhinha. Uma senhora. É óbvio que não sei como era a velhinha

de setenta anos que fora assassinada, e às vezes a idade e a inclinação pessoal não estão relacionadas. Sabia que a vítima não era a vó Komi, mas dentro de mim a vítima de setenta anos se ligava à vó Komi por causa da sua idade, e inevitavelmente a vó Komi e o estupro se ligavam, o que me deixou confusa.

A vítima tinha vivido até os setenta anos, foi estuprada e assassinada por um homem com idade para ser seu neto — ela provavelmente jamais imaginou que isso poderia acontecer na sua vida, e, mesmo durante o acontecimento, não deve ter compreendido por completo o que estava se passando. O programa terminou com a repórter se despedindo com uma expressão de pesar, passaram alguns comerciais e a reprise de uma novela começou.

○ “Descobri que eu vinha usando o absorvente ao contrário”, disse Jun-chan, empolgada. Mentira, ela nem estava tão empolgada assim, e eu não entendi direito, mas parece que ela usava o absorvente com a parte do adesivo virada para cima. Ela não sabia que não era assim. Achava que não absorvia direito, que algo estava errado, e não sabia o que fazer. Se ela colocava a parte da cola virada para cima, devia sentir dor na hora de tirar. É tão difícil de perceber que estava usando errado?

Nunca vi um absorvente. Quando disse isso, Jun-chan falou que ia me mostrar porque tinha bastante na casa dela, então passei lá na volta da escola. Os absorventes estavam empilhados na prateleira do banheiro, eram do tamanho de uma fralda. Na minha casa não tem absorventes. Depois de relutar, resolvi subir no assento sanitário para analisar os absorventes, e tinha um monte deles, de vários tipos, com etiquetas de liquidação coladas. A menstruação ocorre porque o óvulo não fecundou, e uma espécie de almofada originalmente preparada para receber e cultivar o óvulo fecundado sai junto com sangue — Jun-chan e eu discutimos isso outro dia. E então, o que ela fez? No mês passado ela rasgou o absorvente para procurar o óvulo não fecundado no meio do sangue. Fiquei surpresa e perguntei, com nojo: “E aí? Como foi?”, mas

para ela pareceu normal. Tinha um montão de pequenos grânulos no absorvente, que estavam inchados por absorver sangue. “Tipo ovas de salmão?”, perguntei, e ela respondeu que eram bem menores do que as ovas de salmão. E disse que, por mais que procurasse, não conseguiu achar o óvulo não fecundado.

Midoriko

Quando estava fervendo água no caldeirão para preparar mais *mugicha*, Midoriko se aproximou e me mostrou seu caderno.

“Vou sair para explorar.”

— Explorar?

“Passear.”

— Por mim, tudo bem, mas você não tem que perguntar para Maki?

Midoriko deu de ombros e soltou um breve suspiro pelo nariz.

— Maki, Midoriko quer passear um pouco. Tudo bem?

— Sim! — respondeu minha irmã, do quarto. — Mas ela sabe voltar? Não vai ficar perdida?

“Vou ficar por perto.”

— Nesse calor? Caminhar para quê?

“Explorar.”

— Tudo bem — falei. — Então, só por garantia, leve o meu celular. Ao lado do supermercado por onde passamos tem uma livraria. E do lado tem uma *fancy shop*; não, ninguém mais chama assim. É uma loja de variedades, com vários artigos de papelaria. Não quer dar uma olhada? Se você ficar no sol por muito tempo, vai ficar que nem carne assada na chapa. Este botão aqui é para rediscar. Se apertar aqui, vai ligar para Maki.

Midoriko balançou a cabeça.

— Se algum estranho vier falar com você, corra e ligue para sua mãe. Volte o mais rápido que puder.

Depois que Midoriko saiu batendo a porta, o apartamento pareceu ficar mais silencioso do que antes, apesar de ela não ter

emitido nenhum som. Ouvimos o ecoar do *toc-toc* quando ela desceu a escada de ferro. Após esse som ter se distanciado e desaparecido por completo, Makiko se levantou e se sentou, como se aguardasse esse momento, e desligou a TV.

— Eu lhe disse ao telefone, não disse? É assim o tempo todo.

— Ela está determinada — comentei, impressionada. — Já faz seis meses, né? Mas na escola está tudo normal, certo?

— Está. Antes das férias de verão, no final do período letivo, falei com a professora dela, que disse que Midoriko não tem nenhum problema com a professora ou com os colegas. “Quer que eu fale com a sua filha?”, a professora me perguntou, mas como sei que Midoriko não ia gostar, respondi que ia esperar mais um pouco.

— Certo.

— A quem será que ela puxou? É teimosa.

— Você não é tão teimosa assim, Maki.


— Você acha? Pensei que ela fosse falar com você, falar de verdade, não escrevendo.

Ela puxou sua mala de viagem, arrastando-a no chão, abriu o zíper e tirou um envelope de tamanho A4 do fundo.

— Bem, agora, deixando a Midoriko de lado... — Makiko pigarreou. — Natsuko, foi disso que falei com você ao telefone.

Enquanto falava, ela tirou com cuidado do envelope relativamente grosso e firme um maço de panfletos e o colocou na mesa baixa, me encarando. Quando nossos olhares se cruzaram, instantaneamente me lembrei do motivo para minha irmã ter vindo a Tóquio. Ela apoiou as mãos na pilha sobre a mesa, endireitou a postura, e a mesa rangeu.





Em um dia sufocante de verão, Makiko viaja de Osaka a Tóquio para visitar a irmã mais nova, Natsu, e a surpreende com a informação de que gostaria de aproveitar a oportunidade para fazer uma cirurgia de aumento dos seios. Acompanhada pela filha, Midoriko, uma adolescente que há alguns meses só se comunica com a mãe por escrito, Makiko compartilha com a irmã a frustração que sente pelo comportamento da garota, desconhecendo o sofrimento pelo qual ela passa ao ser incapaz de verbalizar as pressões avassaladoras da puberdade. Sob o ponto de vista de Natsu, uma aspirante a escritora de trinta anos assombrada pelas dificuldades sofridas na juventude, desenrola-se a história dessas três mulheres reunidas em um bairro pobre de Tóquio. Ao longo dos poucos dias que passam juntas, o silêncio de Midoriko será um catalisador para que cada uma delas enfrente os próprios medos e dissabores.

Oito anos após a visita de Makiko e Midoriko, em mais um dia de verão intenso, Natsu — agora finalmente estabelecida como escritora e tendo desenvolvido algumas poucas amizades — faz o caminho inverso ao da primeira parte do livro e viaja de volta à cidade natal. Imersa em dúvidas e confrontando a ansiedade de envelhecer sozinha e sem filhos, em meio às opressões sociais que cercam a vida das mulheres no Japão, ela precisa tomar uma decisão sobre os rumos da própria vida.

Uma das escritoras japonesas mais aclamadas, Mieko Kawakami mistura criatividade estilística, humor ácido e profundidade emocional para contar uma história cujo cerne gira em torno da feminilidade contemporânea no país asiático. *Peitos e ovos* narra a jornada íntima de três mulheres em busca de paz e de um futuro sobre o qual elas possam exercer algum controle.

**SAIBA MAIS:**

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1262/>